

# 3ª Margem Cultural

---

## **Margem Poética**

## AFONSO HENRIQUES NETO<sup>i</sup>

CORBIERIANA – 1

*Não nasceu por nenhum lado  
E foi criado como mudo.  
Tornou-se um arlequim-guisado  
Mistura adúltera de tudo.*

Tristan Corbière

Doente mas tão elétrico  
Corbière era o excêntrico  
sentado à janela aberta  
gelo a escorrer fantasia  
de um tristíssimo arlequim  
e tantos vagos andrajos  
em desmantelado carmim  
(coisas inúteis enfim).  
Acendia o comprido cachimbo  
e dormindo, enquanto cuspia,  
deixava que as pessoas e o tempo  
passassem  
como se escorrem versos  
esquecidos em planos reversos  
que vão a lugar algum.  
A arte não o conheceu  
mas ele nada quis da arte.  
O personagem que de tal forma  
desdenhou do poema  
que a própria vida sem tema  
do poeta se perdeu.  
Este dilema no breu.  
Miasmo sarcasmo.  
Bolhas de avessos.  
Ler os versos  
sem ser eu.  
(Vanguardista sem sair do lugar  
*tantos nomes para ter um nome.*)  
E indecifráveis codinomes.  
Contam que Corbière se lascou.

Ou gemeu, gorou, sonhou. Mofou.  
Timbre mudo em tanto grito.  
Infinito maldito.  
(Bem no âmago  
simples ladrão de relâmpagos.)

### CORBIERIANA – 2

Ler Corbière  
debaixo de um cajueiro  
nas valas de uma favela  
onde apodrece caveira  
nem carmim nem amarela  
meninos negros quebrados  
negramente fuzilados  
Ler Corbière sob a lama  
com candeeiros de trevas  
fieiras de caranguejos  
descompassados arpejos  
arquejos de sombras paradas  
lamaçal a cagar paisagens  
sob sinistras miragens  
Por se ler Corbière nessa febre  
miserere entoadado em deserto  
ruínas dos ventos exaustos  
Corbière sedento e certos  
demônios a vergastarem cansaços  
amnésia que abraça sem braços

### CORBIERIANA – 3

Praia toda em ossos.  
O mar a vomitar  
esqueletos destroços.  
Subjetividades  
voam em máscaras

estrelas quebradas.  
Procure lá o meu rosto  
o impalpável.  
Ser um guisado de nuvens.  
Implacável.  
O que em mim é ninguém.  
Ou seguir aos trancos sem ser  
neste esganar-se do nó.  
Praia de ossos só.

### UMA TREVA

Uma treva de mil quilômetros de altura.  
Besteira. Minúscula escultura.  
Um escorpião cego nas trevas de rubi.  
Asneira. Não vi aqui ali.  
Talvez a melhor maneira de pensar:  
sentido em fragmentos  
universo fraturado  
ligamentos derruídos:  
crise da linguagem  
raízes renascendo ou  
escombros do sentido de mundo?  
signos em estilhaços  
revoada de anjos imundos

pois talvez assim seja:  
do buraco negro retorna  
regurgitado  
um caos de nadas  
renques de papéis destroçados  
fragmentos que não se correspondem  
coleções de silvos  
(palavra engraçada: *silvo*)

ou Primo Levi a descrever  
o episódio das mães  
a cuidar dos filhos  
es-me-ra-da-men-te

no campo de internamento de Fossoli  
(lavavam as crianças  
faziam as malinhas  
não esqueciam as fraldas  
os brinquedos  
os travesseiros  
lavavam as roupinhas)  
às vésperas do transporte para Auschwitz:  
“ao alvorecer  
o arame farpado estava cheio  
de roupinhas dependuradas para secar”  
fragmento tão comovente  
tão doloroso  
na garganta de Bashô:  
“quimonos secando ao sol:  
oh aquela manguinha  
da criança morta”

Uma treva que crescesse  
rasgasse gargantas.

(Que ruína afinal ensina  
dura esperança clandestina?)

---

<sup>i</sup> **Afonso Henriques Neto** nasceu em Belo Horizonte (MG) em 1944. É autor de *O misterioso ladrão de Tenerife, Restos & estrelas & fraturas, Ossos do paraíso, Tudo nenhum, Abismo com violinos, Eles devem ter visto o caos, Cidade vertigem, Uma cerveja no dilúvio, A outra morte de Alberto Caeiro e Cantar de labirinto*, entre outros livros de poesia. Publicou o livro de contos *Relatos nas ruas de fúria* e o de traduções poéticas *Fogo alto* (Catulo, Villon, Blake, Rimbaud, Huidobro, Lorca e Ginsberg), além de participar de diversas antologias no Brasil e no exterior. Em 2019 publicou seu primeiro romance, *Os odiados do sol*.  
**E-mail:** [afonsohenriquesneto@gmail.com](mailto:afonsohenriquesneto@gmail.com)

## CESAR GARCIA LIMA<sup>i</sup>

### FEZ QUE NIUS

Quando você ler  
um texto verde e amarelo  
E der vontade de gritar  
entrar no texto  
fazer justiça  
com as próprias mãos  
Lembre-se  
Que é tudo fez  
fez que nius  
as fez que nius estão  
em todo lugar  
há vários investidores  
interessados  
devedores patriotas do fisco  
atrizes cientes de seu patrimônio em gado  
e botox  
excelências prontas para defender  
a própria mediocridade  
em nota sobre nota  
cartórios carimbando sua vida  
em *looping*  
maridos infiéis piscando  
para meninas distraídas porque  
é Brasil galera  
terra da felicidade  
Mame-o ou deixe-o

Ainda é o melhor país do mundo

Dê uma propinhezinha

Que tudo passa

Morra num país tropical

## O FUNDO DA ILHA

No fundo da ilha  
do Fundão  
a luz vazou  
nos desenhos de pedra decalcada  
nas mentes disponíveis  
à procura  
e ao engano.

No fundo da ilha  
do Fundão  
o vazio marcou encontro  
com o profundo  
que se espreguiçou  
e foi tomar sol mais adiante.

No fundo da ilha  
do Fundão  
o verde floresceu  
em livros cinza  
abertos aos olhos famintos.

No fundo da ilha  
do Fundão  
a questão é pensar  
tanto quanto voar.

## NOTURNO DO GRAGOATÁ

Ando pelo campus escuro.

Os alunos pedem para sair mais cedo

Porque a morte gosta de pegar o último ônibus.

Ando pelo campus escuro

E faz um frio seco diferente

Com um fiapo de lua como sentinela.

Ando pelo campus escuro.

Existirão alunos na próxima semana?

Existirei na próxima semana?

Um deles me explica que este ano o sumiço começou mais cedo

Muitos estão desanimados e pararam de ir às aulas.

O pânico entrou no calendário acadêmico?

Estou lento, pensando no leiteiro morto no poema.

Ando pelo campus escuro

E procuro os alunos sob as pedras

Dentro das cadeiras

Talvez estejam visitando um campus iluminado.

## MAIS CALADO

Em visita à minha cidade  
Estou mais calado do que de costume.  
A lama, as igrejas em promoção, os corpos  
Estão empilhados, barulhentos, no meio da rua.  
Atravesso a rua na porrada  
Sem ânimo para escrever sobre a porrada.  
A poeira foi convertida em asfalto ralo.  
Ouço os idiotas elogiarem o nulo e  
Minha generosidade é lhes dar as costas.  
Componho um mantra desafinado  
Com banana frita, farinha e desgosto.  
Faltam humanos para uma passeata.  
Queria fazer uma sinfonia e as notas  
Saem trôpegas:  
Não pretendo parecer  
Poeta nato.  
Não quero ser lembrado como alguém  
Que, um dia, falou demais.  
Estou calado até quando discurso  
Porque a revolta é tanta  
Que transbordou a margem da cidade  
Em busca do verde perdido.  
Celebro os mortos já que  
Os vivos são sombras.

---

<sup>i</sup> **Cesar Garcia Lima** (Rio Branco, AC, 1964) é autor dos livros de poemas *Águas Desnecessárias* (1997), *Este livro não é um objeto* (2006) e *Trópico de papel* (2019). Doutor em Literatura Comparada e jornalista, dirigiu o documentário “Soldados da Borracha” (2010). Vive no Rio de Janeiro. **E-mail:** cegali@gmail.com

**EDUARDO STERZI<sup>1</sup>****(Casa)**

Digamos que tivéssemos deixado aberta a porta da casa enquanto dormíamos, a noite inteira, e que por ela entrasse uma legião de criaturas sem nome e sem rosto que, passando por nós em silêncio, no fundo do armário do quarto se escondesse. Digamos que, uma vez despertados e banhados, confundíssemos nossas roupas no armário e os novos corpos ali presentes e nos cobríssemos com tais corpos, e saíssemos enfim à rua, e que todos, pelo caminho, a um só tempo nos reconhecessem e não reconhecessem. Digamos, então, que, no meio daqueles por que passamos, um único homem escutasse em sua própria pele, ao nos reconhecer e não reconhecer, algo como um chamado, a convocação do sangue, ele diria se indagado num tribunal, convocação do seu próprio sangue tanto quanto do nosso, do sangue comum: algo como um canto ou clamor subcutâneo, que ele tinha dificuldade de interpretar, mas ao qual, não obstante, aquiescia. Naquele instante, o homem se faria caçador e caça, indistintamente. É provável, portanto, que não voltemos para casa quando a noite de novo baixar. A porta, porém, permanecerá aberta.

**(Navio)**

A montanha de gelo já comeu metade do navio. Começa, agora, a mastigar a sala onde estamos. Convencidos de que o conceito mesmo de salvação é não só ilusório, mas inviável, apenas nos deslocamos para a sala adjacente, por enquanto intacta. E há quem dance (não condeno, dançaria também se ainda tivesse pernas).

### (Paraíso)

Ao ser barrado às portas do paraíso e encaminhado, por consequência, ao inferno, Aristarco chora quase imperceptivelmente e pede, constrangido, ao anjo da medida e da visão:

- Mas pelo menos me diga: como é o paraíso? Com que ele se parece?
- O paraíso? O paraíso é como uma notícia sobre a qual ninguém tem opinião.

---

<sup>i</sup> **Eduardo Sterzi** nasceu em Porto Alegre em 1973 e desde 2001 vive em São Paulo. É escritor, crítico e professor de teoria literária na UNICAMP. Publicou, entre outros, *Por que ler Dante* (crítica, 2008), *A prova dos nove* (crítica, 2008), *Aleijão* (poesia, 2009), *Cavalo sopa martelo* (teatro, 2011) e *Maus poemas* (2016). Foi curador da exposição *Variações do corpo selvagem: Eduardo Viveiros de Castro, fotógrafo* (com Veronica Stigger), entre outras.

**E-mail:** eduardosterzi@gmail.com

**ITALO DIBLASI<sup>i</sup>****Desde o farol que não vi sobre o mar**

Quando vemos uma coisa  
pela primeira vez é como  
se já a tivéssemos visto sempre  
e como se nunca pudéssemos  
vê-la novamente porque  
na verdade não vemos nada

não se trata de uma questão  
de cegueira ou ponto de vista  
é uma espécie de miragem,  
nos dizem, e nós seguimos  
enxergando como nunca

uma vez foi uma Santa que  
- juram - foi vista chorando  
sob madeira e âmbar  
fazia calor e a cor dela  
era escura

"Enxergamos melhor no escuro"  
me disse num dia a mulher que  
amparava-me o medo e a febre  
quando a vida era medo e febre  
não sei por onde anda a mulher  
mas nunca mais tive a febre  
ainda que medo sim

quando descobri que era míope  
aprendi a imaginar

se me fosse dada outra vez,  
olhava as coisas com menos  
atenção, abandonava os gatos  
da mesma maneira e continuaria  
amando os cavalos, como  
gostamos de amar  
as coisas distantes

aquelas que necessitamos construir  
contra nós e por eles, com eles,  
coisas irremediavelmente perdidas  
e excitantes - a infância,  
um último banho de mar,

a primeira palavra que  
você escreveu  
na fotografia o farol distante  
que não vi sobre o mar  
continua lá  
algo que ainda penso em ver  
antes de morrer: o Mediterrâneo  
lembrar que aquilo ali já foi o mundo  
e que hoje esse mundo anda  
agigantado,  
estrábico.

### Alesund

nascemos em lados opostos  
do rio – eu  
do lado errado  
é claro

perdendo as roupas pela travessia  
e as meias rasgadas, todas  
nadando errado

mas nós chegamos a ser bons juntos

até as abelhas nos perseguiram

ontem um demônio me olhou  
através dos olhos de um bebê

senti o frio na espinha mas não tremi

alguém com jeito de cientista  
político falava sobre empatia

eu penso na ideia de crueldade

nas pessoas que creem em escolhas  
quando aqui não se escolhe nada

penso na Ana indo embora aquele dia

e nos poemas tristes  
que são como bebês

coitados

filhotes da saudade  
que doravante nascem  
insistem em nascer

e nós  
chegamos a ser bons juntos

duas velas vermelhas  
sob a tempestade

leucócitos em guerra

Antoine & Christine

cio de gato

luta corporal

### Duas margaridas para Flora Diegues

Uma flor se alça ao vento. Não é um projétil, mas tem a velocidade dos coices. Como tudo o que vive, reza o mantra da gravidade. Suas pétalas se desgarram com a queda, também elas parte do Movimento. Tocam brevemente o mundo e se desfazem, como um livro que a chuva molha e não terminamos de ler. A flor despetalada plana sobre o céu de Copacabana, dança brevemente sobre os edifícios e toma a direção do vento. Seu núcleo bate ao ritmo bruto da vida, marca placas, palcos, corações. Esteve aqui. A vida é sonho. A flor toca o chão e desperta: vai semear o vazio.

---

<sup>i</sup> **Italo Diblasi** nasceu no Rio de Janeiro em 1988. Publicou o livro *O limite da navalha* (Garupa, 2016). Tem poemas publicados em revistas e antologias do Brasil e de países da América Latina. Atualmente está em finalização de seu segundo livro, *a morte não é magrinha*.  
**E-mail:** [diblasitalo@gmail.com](mailto:diblasitalo@gmail.com)

## JÚLIA DE CARVALHO HANSEN<sup>1</sup>

### FERRUGEM

Em muitos dos dias que são quaisquer  
água com gás às vezes me lembra você  
embora o girar que despressuriza a garrafinha  
tenha levado o seu nome embora da minha boca

numa lenta dissipação como derretem  
os teus sopros no ouvido de outro alguém  
ou o assobio que não sai dos teus lábios  
quando a noite chega e você não tem ninguém.

Chocolates guelras e serpentes eu beijei  
a tua língua tinha às vezes gosto de papel  
como a praia da enseada às vezes o horizonte  
é nítido e fica azul como o dia de amanhã.

Foram anos assoprando o esquecimento — eu escrevia  
mas às vezes alguém esquece de amarrar os sapatos  
tropeçando em cada esquina, curva  
onde você não estava.

Aposto as vezes que você acorda com os trovões  
te fazem cerrar as pálpebras como os gatos  
saltaram no momento em que a luz oscilou  
a boca do porvir se abriu

por dentro de mim com seu hálito  
de garganta, o seu bafo de sol  
oxidou meu coração  
brilhou.

## FOGO CRUZADO

Queria escrever com ódio o teu desaparecimento  
erguer fúrias e avanços como fazem  
a lava, os *tsunamis* e os delirantes.  
No entanto mandei outro e-mail  
falando do vermelho dos pássaros do Índico  
como no jazz o drible da constância é a própria duração  
de umas gotas de chuva na nuca  
região fadada à incorporação de entidades  
às tensões musculares, aos arrepios  
à necessidade da cabeça se curvar  
coisas talvez que te lembrem na vida  
do que gostas — é tudo movimento  
e é importante que tu não desapareças de vez.  
Ter um anzol, um ponto de regresso, farol  
esquecer que, no fundo, os suicidas têm sempre razão.  
Quando você foi visto há 150 quilômetros de casa  
rumo à Moldávia, Botswana, Brasil  
ou qualquer um desses lugares que só existem nas aventuras  
dos teus livros lidos desde menino  
percorrendo a eletricidade do teu corpo  
— disseram os que te viram — cacos de vidro  
arames retorcidos no lugar das ideias  
uma grande incapacidade de ser insensível  
somada ao egoísmo que todos temos.  
Que tornou argamassa o horizonte?  
Antolhos é o nome do acessório de tapar a visão  
dos animais a carregar fardos maiores do que eles.  
Ou qualquer coisa assim na tua face  
os 150 corpos mutilados  
mortos estampados nas capas dos jornais  
eu espero que você não tenha visto  
no longo caminho pra longe de si  
as notícias dos últimos dias.

POSSO

Posso te esperar a tarde inteira  
atravessar você — o precipício  
ou te chamar de *canyon*  
e colocar uns pássaros voando nele.

Posso te mostrar a parte de dentro  
das coisas, da carne — posso me recheiar  
inteira de cuidados, lanças e perfumes  
e desmontar à tarde todas as coisas.

Posso inventar-nos um desfecho  
te chamar de ilha, charco, travessia  
esquecer eu não posso — posso  
dizer que eu irei me lembrar.

Posso perguntar pelo tempo  
e assim conversaremos sobre o breu  
normativo e inconstitucional desses dias  
e de como não seremos derrotados.

Um pelo outro, talvez, não.

---

<sup>i</sup> **Júlia de Carvalho Hansen** (São Paulo, 1984) é poeta e astróloga. Autora de livros publicados no Brasil e em Portugal, sendo os mais recentes *Seiva veneno ou fruto* (Chão da Feira, 2016) e *Romã* (Chão da Feira, 2019). Estudou Letras na Universidade de São Paulo e é mestre em Estudos Portugueses pela Universidade Nova de Lisboa.  
**E-mail:** juliadecarvalhohansen@gmail.com

## ROBERTO CORRÊA DOS SANTOS<sup>i</sup>

### Sem frase

Escute a frase amo você e não sofra, proteja-se.

Essa é mesmo uma frase que contém um grave zumbido se dita por quem amamos.

Tal a dúvida sobre a frase que, em ofensa à vida, entra como se um besouro de ouro negro por seu ouvido.

Seu ouvido como se ovários do corpo não sabe barrar a frase: emprenha-se, incha, perde a ternura dos ovários.

Diga em resposta assim: também amo você.

Uma frase barra a outra, muro contra muro, e o tempo vai passando.

Até que frase alguma exista e retornem os ovários à beatitude de um amor sem frase.

## **Corte e alcatra**

Faço silêncios quando falo. Diz quem me ouve e me ama sofrer quando lhe passo uma narrativa de algo sem importância, mas que precisa ser transmitido.

Diz quem me ouve e me ama perder-se nos vazios de meu desinteresse por falas, diz perder-se nos ventos vindos das misturas de ideias, nomes e sensações partidos: suplica para que eu me apresse.

Prometo ir mais rapidamente, jogar sobre a mesa isso e isso e isso e ponto.

No entanto, vem do silêncio da alma uma palavra, um fato antigo e difuso, um menino no sótão ali apaixonado por outro menino.

E a tudo se juntam umas letras fantasmais e em certos instantes retornantes: as cartas de Rilke, as cartas de Kafka, as cartas de Freud, as cartas, as mil cartas de tantos.

Prometo concentrar-me: o síndico descobriu um defeito no hidrômetro e outro defeito bem pior no aparelho que nos mede a luz artificial.

Consegui. Quem me ouve e me ama respira. Eu, eu sonho.

Sonho que escapo da fala e me vejo andando sobre aqueles sempre inacabados esboços de da Vinci, sobre a fluência sem fim de Shakespeare, sobre os escritos engessados de Broodthaers, sobre o livro de carne de Barrio, feito de sangue, corte e alcatra.

## As pétalas das rosas na quente água do real ensinam

Preparei os requintes da simplicidade do chá; aguardo as amigas: Virginia Woolf, Katherine Mansfield, Marguerite Yourcenar.

Não convidei nem Hilda Hilst, nem Sylvia Plath, nem a irmã de Shakespeare.

Hilda não gostaria de chá,

Plath daria alguma desculpa para não vir,

a irmã de Shakespeare viria desde que eu dissesse seu nome, sem mencionar o da fraterna e masculina santidade que até hoje a todas nós avoca.

Não as chamei também por serem mulheres de versos, e versos fazem as mentes voarem do céu ao inferno, esquecendo como se portarem diante do todo existir pacífico momentâneo que a alma de chás propõe.

Chamar a vir, em nenhuma portuguesa pensei: nem mesmo em Ana Hatherly ou em Sophia de Mello Breyner, sequer em Luiza Neto Jorge.

Portuguesas têm a seu favor a língua nossa em moldes arcaicos, e isso lhes abre com menos dificuldade a vida dos versos.

Portugal não sabe o quanto o verso no Brasil é difícil: a língua, por cá, toda ela varia, escapa, é arisca como certos peixes, áspera como certas plantas.

E espeta.

As amigas convidadas podem sentar-se durante o chá em cadeiras por meu pai feitas.

Pai às vezes estraga as coisas, mas somente tenho aqui um banquinho da Achillina Bo (Bardi) e, nele, talvez eu pouse. Ou de pé fiquemos as quatro.

Eu, performer em momentos, não farei gestos de escrevente com a língua para fora da boca e posta em ação sobre teclas de máquinas de escrever: não farei! Posso não fazer solenes caretas de arte, se não for a hora de.

As convidadas que daqui a pouco chegam são mulheres de histórias com frases que crescem até se tornarem narrativas longas, narrativas onde coisas acontecem apenas para que a massa antes incapturável do pensamento-ele-mesmo emerja.

Emerja, como emergem as ondas de Nazaré, como emergem as Montanhas da Cordilheira do Himalaia, como emergem o inconsciente – se o inconsciente ainda houvesse – e a Muralha da China, como emerge qualquer uma das Escolas de Samba do Brasil, como emerge a coisa de extrema luz que se passa quando do vibrar do sangue de uma mulher em estado de amor ou de desamor.

E Clarice? De Clarice sou a que vai juntar-se às suas empregadas de várias épocas em um jantar na perigosa noite do Centro abandonado do Rio, bem ali na Avenida Passos, onde moças vendem não o corpo, pois corpos não se vendem: vendem juventude, imagem, morte discreta e pequena.

É provável que Clarice transfira o encontro para a seca Rua do Acre, em que habitara a garota que o narrador Rodrigo deixou morrer.

Fosse Rodriga quem narrasse a história da judaica nordestina, Macabéa seria hoje dona de uma frota inteira de carros importados de luxo.

Chegaram, elas chegaram, vieram para o chá; elas, as que por uma existência inteira espero, elas chegaram.

Estou nervosa, tremo um pouco.

Como se conversa sem conversar, apenas estando inteiramente estando? Vamos ver: as xícaras e as pétalas das rosas na quente água do real ensinam.

---

<sup>i</sup> **Roberto Corrêa dos Santos** é semiólogo, teórico da arte, artista; atuou como professor de teoria da arte e de estética no Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, tendo sido professor de semiologia e de teoria da literatura na PUC-Rio e na UFRJ. Publicou e vem publicando livros sobre teoria, arte, literatura; livros de poesia; livros de artista. Dedicou-se a pesquisas acerca das relações entre escrita e arte visual. **E-mail:** robertcossan@terra.com.br

## TARSO DE MELO<sup>i</sup>

### AO TELEFONE

*[para o Matheus]*

(1)

digito uma letra no telefone e surgem  
entre os contatos dois amigos mortos

passeio pela lista e vejo outros nomes  
de pessoas para quem não vou mais ligar

se insisto, não me atendem mais  
se desisto, dizem algo que não ouço

deixo os números ali, os nomes, suas fotos  
deixo nosso silêncio, no entanto, vivo

deixo-os como uma janela antiga  
deixo ali o contato impossível

(2)

salto sobre os nomes dos amigos  
que poderiam me atender

salto e temo pelo dia em que seremos  
todos impossíveis, intocáveis

uma longa lista de contatos  
em que ninguém se deixa contatar

como se um vírus alterasse  
todos os números que não sei de cor

como se apenas o vírus soubesse  
o que ainda nos falta tocar

AFAZER

*[para Carlos, Manoel, Heitor]*

como quem atravessa  
a rua ou investiga o corredor  
escrever um verso ou dois

como quem troca  
a roupa ao chegar  
como quem toma água

como catar feijão  
tirar a roupa do varal  
lavar as sacolas plásticas

escolher outra palavra  
como arear panelas  
como tirar a mancha

morder o verso  
como um amendoim  
cuspir as cascas

varrer em volta da fala  
desamassar o silêncio  
como levar o lixo

escrever uma palavra  
como quem vai ao mercado  
como quem volta

mudar de sílaba  
como quem passa  
de um gole a outro

como quem mastiga  
cuidadosamente  
e ouve a letra quebrar

esticar as costas  
como quem soletra  
como quem dorme

como lavar a louça  
como tentar viver  
como respirar

nem sempre  
ou apenas quando  
a vida peça

## TUDO

enquanto o mundo  
lá fora  
era pura possibilidade

(os jardins do japon,  
os desertos desertos,  
as vielas do capão,  
os mares nunca dantes,  
os bares, as paisagens)

não havia pressa

agora

detrás dessa cortina  
triste e desinfetante  
os passos de sempre  
os roteiros de nunca  
as ruas, as ruas

tudo é urgência  
tudo angústia

---

<sup>i</sup> **Tarso de Melo** (1976), poeta e ensaísta, lançou os livros de poemas *Íntimo desabrigo* (Alpharrabio, Dobradura, 2017), *Dois mil e quatrocentos quilômetros, aqui* (com Carlos Augusto Lima; Luna Parque, 2018) e *Rastros* (martelo casa editorial, 2019), entre diversos títulos como autor e organizador. É advogado e professor, doutor em Filosofia do Direito pela Universidade de São Paulo. Curador dos ciclos “Vozes Versos” (Taperá Taperá, com Heitor Ferraz Mello), “Passaporte: Literatura” (Goethe-Institut SP, com Marcelo Lotufo) e “Algaravia!” (Biblioteca Mário de Andrade). **E-mail:** tmdemelo@gmail.com

## WALDO MOTTA<sup>i</sup>

### PEGAÇÃO SAGRADA

Põe tua mão aqui debaixo  
de minha coxa, onde Abraão  
pediu que um servo o tocasse,  
em nome do Deus dos deuses,  
Senhor dos Céus e da Terra,  
onde o anjo do Senhor tocou  
o relutante Jacob, que assim  
se transformou em Israel,  
que lembrou da sagrada aliança  
em seu leito de morte, onde pediu  
ao mais amado filho que o tocasse  
no mesmo lugar sagrado e consagrado.

---

### ESMERANDO A ESMERALDA

Seja quem está por cima  
como quem está por baixo

Seja quem está por baixo  
como quem está por cima

Há de ser feito no Céu  
tudo o que se faz na Terra

Assim no Céu  
como na Terra

&

## HERMÉTICAS

Quando o que está atrás  
à frente finca  
e o que está à frente  
finca atrás  
pratica-se a justiça  
instaura-se a paz.

---

fugir do estereótipo  
transcender o arquétipo  
recriar o protótipo

---

Esqueça a caverna de Platão  
Conheça a caverna de Plutão

---

Buscas a Verdade?  
Ei-la assentada  
à porta dos fundos

---

## INSULTO À BELEZA

Resta ao poeta  
pateta, esteta  
(que mama nas tetas  
da musa das tretas  
-- servo do capeta  
e suas mutretas)  
apenas transformar  
desgraça em beleza  
miséria em beleza  
tragédia em beleza  
fome em beleza  
horror em beleza  
em nome da terrível  
deusa da beleza

---

## AI, BRASIL

amarelo de doenças  
verde de raiva  
azul de fome

dominado por brancos

---

## SOBRE A BESTA

De quem é montaria essa besta,  
que diz e faz besteiras, e assombra?  
Quantos donos assentam em seu lombo,  
e a dominam com rédea e cabresto?

—

nem esperança feneça  
nem coragem esmoreça

dome o medo, dome o demo

reaja e aja, apática manada  
que o mau pastor conduz para o abate!

águia voraz  
águia feroz  
logo verás  
quão sou atroz!

---

<sup>i</sup> **Waldo Motta** é poeta, ensaísta, tradutor, ator, numerólogo, publicou, entre outros: *Bundo e outros poemas* (Unicamp, 1996), finalista do Prêmio Jabuti 1997; *Transpaixão* (Edufes, 2009, 2ª ed.; coletânea, adotado no vestibular da UFES 2010-12) e *Terra sem mal* (Patuá, 2015), livro cujo projeto ganhou bolsa e estadia na Alemanha, em 2001-02. Também atuou como *writer in residence* na Universidade da Califórnia, em Berkeley, em 2002. Traduziu textos bíblicos a partir do hebraico e dois livros, via alemão e inglês, da escritora eslovaca Jana Bodnarová.  
**E-mail:** waldeusmotta@gmail.com